

Economia.

Aeroportômetro

7 5 9

dias para a conclusão da obra

 EDITORA:
 JOYCE MERIGUETTI
 jmeriguetti@redgazeta.com.br
 Tel.: 3321.8327

CRISE ECONÔMICA

BRASIL VIVE MAIS LONGA RECESSÃO DA HISTÓRIA

PIB do segundo trimestre teve queda de 1,9%, diz IBGE

RIO, SÃO PAULO E BRASÍLIA

▄ Dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que a economia do país entrou em recessão. E se as previsões do mercado se confirmarem, ela será a mais prolongada da história do país, segundo especialistas.

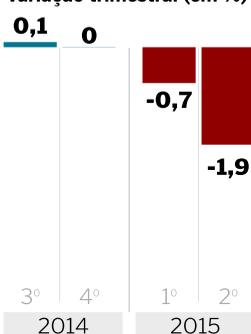
De abril a junho, o Produto Interno Bruto (PIB) recuou 1,9%, registrando o segundo trimestre seguido de queda – o que caracteriza recessão técnica. A expectativa dos economistas é que, no ano, a economia tenha retração de 2,06%, seguida por uma queda de 0,24% ou estagnação em 2016.

Se confirmada a previsão, será a primeira vez que o país registrará dois anos seguidos de contração na economia, pela série do IBGE iniciada em 1948. Todas as seis vezes em que o país fechou o ano com PIB negativo foram sucedidas por uma rápida recuperação nos anos seguintes.

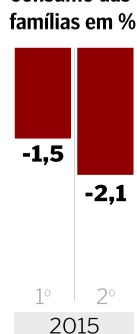
O cenário atual é diferente, segundo o economista da FGV/IBRE Paulo Picchetti. “A recessão começou sem ser possível enxergar os mecanismos que vão levá-la ao fim. Não há instrumentos de política econômica capazes de reverter esse quadro num futuro rápido.”

PAÍS EM RECESSÃO

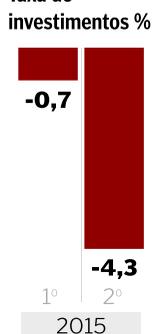
Variação trimestral (em %)



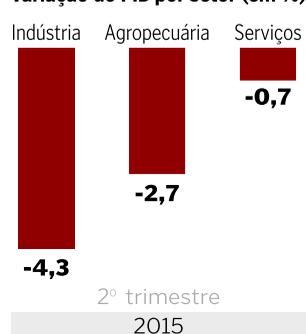
Consumo das famílias em %



Taxa de investimentos %



Variação do PIB por setor (em %)

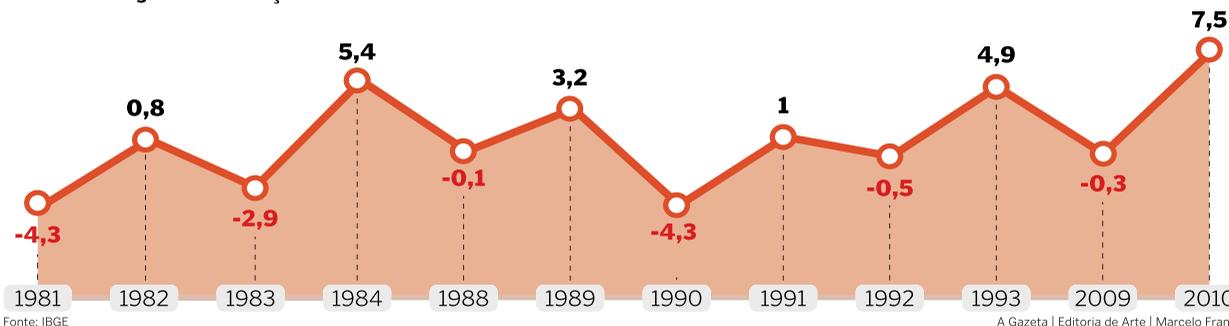


PIB dos países (%) no 2º trimestre

China	1,7
EUA	0,9
Grécia	0,9
México	0,5
Alemanha	0,4
Zona do euro	0,3
Chile	0
Brasil	-1,9

Retomadas após recessões (em %)

Altas do PIB seguidas de retração da economia



Fonte: IBGE

A Gazeta | Editoria de Arte | Marcelo Franco

O pessimismo dos especialistas são baseados em cinco trimestres de queda ou estabilidade do PIB. “Isso representa toda uma conjuntura econômica de indicadores com desempenho negativo, influenciando praticamente todas as atividades econômicas. A gente não trabalha com o conceito de recessão, agora o importante é que existe

realmente uma turbulência com efeitos mais específicos sobre alguns setores, como é o caso da construção civil”, apontou a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

Para o professor da ESPM e diretor da Méthode Consultoria, Adriano Gomes, a recessão se distingue das passadas, mas não só pela maior duração. “Sem-

RETRAÇÃO

2,05%

Queda do PIB em 2015

Essa é a previsão de queda para o PIB brasileiro neste ano.

pre que havia recessão, os governos conseguiram agir e apontar um caminho de saída. Agora não. Nem na época da hiperinflação havia um cenário tão negativo, com baixa confiança do empresariado e do consumidor”, diz. Ele acrescenta ainda que desde 1948, não se vê um cenário tão ruim, com tantos trimestres apontando recessão.

DOENÇA CRÔNICA



“O PIB é para a economia o que o fluxo sanguíneo é para o cérebro. Quando é insuficiente, a sociedade perde. O baixo PIB era doença diagnosticada, mas que a União fingiu não existir”

ANTONIO MARCUS MACHADO ECONOMISTA

AJUSTES



“A redução no PIB demonstra a necessidade de ajustes estruturais na economia e a recuperação da confiança dos agentes econômicos. Porém, mesmo com ajustes, tudo indica nova contração em 2016”

LEANDRO LINO CONSELHEIRO DO CORECON

PIB do país só não perdeu para os da Rússia e da Ucrânia

▄ A queda de 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre em relação ao mesmo período de 2014 coloca o Brasil na 33ª posição em uma lista de 35 países que tiveram suas taxas de crescimento listadas pela consultoria

Austin Rating.

A economia brasileira só não teve performance pior entre abril e junho do que as da Rússia, que encolheu 4,6%, e a da Ucrânia, com retração de 14,7% na mesma comparação - a economia ucraniana padece dos

efeitos de uma guerra civil patrocinada pela Rússia, que por isso é alvo de embargo da Europa e dos Estados Unidos.

Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, projeta uma queda de 2,1% para o PIB brasi-

leiro neste ano. E uma queda menor em 2016, de 0,3%. “Se confirmado nossa estimativa de retração do PIB no biênio 2015-2016 será o pior desempenho econômico do Brasil em 85 anos. Uma vez que a última vez que o

Brasil teve dois anos seguidos de retração do foi em 1930 (-2,1%) e 1931 (-3,3%) refletindo, em parte, a grande depressão mundial que se seguiu ao crash da bolsa de Nova York em 1929”, diz Agostini.

CRISE ECONÔMICA

PROJEÇÃO PARA O PAÍS



A retomada da atividade industrial, em baixa no país, é um dos desafios para o crescimento da economia

Economia só começa a reagir a partir de 2017

Agência de classificação de risco Moody's aposta que o país terá uma estagnação em 2016

BRASÍLIA

▄ A agência de classificação de risco Moody's aposta em uma recessão de 2,0% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2015, seguida de uma estagnação em 2016. O crescimento só deverá voltar no biênio 2017-2018, para o qual a agência projeta uma ex-

pansão média de 2,0%, sendo 1,5% em 2017 e 2,5% no ano seguinte.

O desafio é melhorar os fatores que contribuíram para o recuo de 1,9% do PIB: a queda dos investimentos e do consumo das famílias, além da retração dos setores da indústria, agropecuária e serviços.

No ambiente atual, a dívida pública brasileira deverá alcançar, no fim do segundo mandato da presidente Dilma Rousseff, o

nível de 70% do PIB, estima a Moody's. O patamar atual da dívida em relação ao PIB é de 63%.

Em relatório publicado na última quarta-feira, a agência atribui a previsão de alta da dívida a uma insuficiência do ajuste fiscal. "A redução das despesas do governo não tem conseguido compensar o crescimento menor que o esperado para as receitas", explica a Moody's. Se a dívida chegar a 70%, o

Brasil poderá sofrer um novo rebaixamento, perdendo, portanto, o grau de investimento.

Para a agência, a ausência de um consenso político sobre a necessidade de reformas que tragam maior rigidez orçamentária e o combate ao aumento de gastos obrigatórios tem dificultado a atuação do governo para reverter a tendência de crescimento da dívida durante o segundo mandato de Dilma.

"Recuo do PIB é desastre", afirma fonte do governo

▄ O recuo de 1,9% do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre ante os três primeiros meses do ano, no pior resultado desde o primeiro trimestre de 2009, foi considerado um "desastre" por interlocutores da presidente Dilma Rousseff. "Ninguém quer uma queda de 1,9%. A gente quer é +1,9%", lamentou um auxiliar direto da presidente, que pediu para não ser identificado.

O resultado divulgado nesta manhã pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é resultado da popularidade no "volume morto" e a recessão com queda acentuada do PIB torna mais difícil a "equação" para o governo, que se vê confrontado com ameaça de impeachment, "caos político" na relação com o Congresso Nacional e o desgaste com a adoção de uma série de medidas impopulares.

"Não é um ano perdido", minimizou um outro interlocutor, alegando que, apesar das dificuldades, o governo conseguiu fazer os ajustes na economia, como a aprovação do projeto de lei que revê a política de desoneração da folha de pagamento e as alterações nas regras de concessão de benefícios trabalhistas e previdenciários.

Em cerimônia de entrega de unidades do Minha Casa Minha Vida, em Caucaia (CE), a presidente Dilma Rousseff voltou a afirmar que o Brasil é um país forte e que vai superar suas dificuldades. "Tem uma minoria que aposta sempre no 'quanto pior, melhor'. São pessoas que pescam em águas turvas e, quando as águas estão claras, nunca conseguem o que querem. Nós temos a clareza que o Brasil é um país forte, que vai crescer, vai superar suas dificuldades, que são momentâneas", afirmou.

JONAS PEREIRA/AGÊNCIA SENADO



Relação com o Congresso foi um dos motivos do recuo

Retração do PIB faz dólar subir e Bolsa fechar em queda

▄ A retração do PIB brasileiros no segundo trimestre deste ano, colocando o país em recessão técnica, provocou mais um dia de volatilidade no mercado financeiro ontem, fazendo o dólar subir e a bolsa fechar em queda.

No final do pregão, o dólar comercial encerrou os negócios com alta de 0,98%, cotado a R\$ 3,585, depois de oscilar entre a máxima de R\$ 3,602 e a mínima de R\$ 3,545. Na semana, a divisa americana encerrou com valorização de 2,63%.

Na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), o índice de referência do mercado de ações brasileiro começou o dia em queda, chegou a operar no azul, ainda pela



Bovespa abriu em alta, mas recuou durante o dia

EM BAIXA

1,18%

desvalorização

A Bovespa fechou ontem em queda, aos 47.153 pontos.

manhã, mas perdeu força e terminou com desvalorização de 1,18% aos 47.153 pontos e volume financeiro negociado de R\$ 6,9 bilhões. Numa semana marcada pelas altas e baixas provocadas pelas incertezas na China, o Ibovespa fechou com ganho de 3,14%.

Oposição diz que o pior ainda está por vir

▄ Parlamentares da oposição usaram a queda de 1,9% da economia brasileira como gancho para criticar o governo. O presidente nacional do PSDB, senador Aécio Neves (MG), disse que a queda do PIB traduz o "desastre econômico" que ocorre no país.

Ele afirmou ainda que "o pior está por vir" e ironizou a declaração da presidente Dilma Rousseff de que subestimou a crise.

"Quem fingiu não saber da crise, hoje finge que governa", declarou Aécio, por meio de nota. O senador acusou o governo de dificultar o acesso dos brasileiros a programas sociais neste momento de recessão.

CRISE

"Quem fingiu não saber da crise, hoje finge que governa. O pior ainda está por vir"

AÉCIO NEVES SENADOR, que se pronunciou por meio de nota

EDILSON RODRIGUES/AG. SENADO



Aécio disse que PIB traduz desastre econômico

Para o líder do DEM no Senado, Ronaldo Caiado (GO), o resultado é preocupante, principalmente pela agropecuária, que demonstrava vigor mesmo com a crise econômica, mas já apresenta retração de 2,7% quando compara-

da ao trimestre anterior. O líder do PSDB na Câmara, Carlos Sampaio (SP), afirmou que os dados só confirmam o que os brasileiros já vinham sentindo na pele. Para o tucano, são o atestado de incompetência do governo Dilma.